

# BRASIL-PORTUGAL

1 DE JUNHO DE 1899

*Proissão do Corpo de Deus*



AO SAHIR DA SÉ

# Chronica Electrica

**A**GGLOMERAM-SE por tal forma os acontecimentos que nunca *l'embarras* do *choix* teve aplicação mais justa.

Começar por onde? Aos bicos da penna accorrem-me imediatamente os nomes de homens celebres, arrebatados pela morte no intervalo d'estes dois numeros. Mas, de *Brasil-Portugal* encetar a sua Chronica por um registro funebre? Aos seus numerosos leitores, e especialmente ás suas leitoras gentis, deve ir falar da morte, do aniquillamento, n'este dia azul, em que o sol creador nos entra pela janella dentro em jorros de luz?

A morte! o aniquillamento! Mas, para que hade esta convenção mentirosa ser eterna como a materia? Porque não hade um dia a verdadeira, a unica, a alta comprehensão da natureza, invadir os espiritos, levando a todos a irradição da eterna verdade! Porque é que não havemos de arrancar dos nossos dictionarios e dos nossos libros a palavra terrivel que fulmina os corações e desmorthea os cerebros! A morte! Ainda se, por um esforço de concentração de raciocinio, a considerassemos apenas como um puro accidente da vida! Não pode haver erro mais crasso e mais antigo do que este de se chamar morte á simples transformação de uma forma n'outra fôrma! Não venho aqui discutir escolas, nem philosophias, nem theorias scientificas, nem religiões, nem palavras ou locuções consagradas, como movimento, transformismo, juizo final, mas o que venho apenas accentuar é que do fundo de todas as hypotheses resulta esta verdade: substituição de fôrma. Isto, apenas isto.

Castelar, por exemplo, um dos que na vida do planeta levaram mais longe as fulgurações de um cerebro privilegiado, esta opulenta organização humana, por que perde n'este momento a sua fôrma material, deixará de ser amanhã uma nova fôrma na natureza?

Os elementos ricos do seu cerebro tão ricamente dotado, as circumvoluções onde se formou o embrião de uma palavra que em si parecia conter uma parcela do poder divino, o que de mais nobre e de mais alto pode encerrar-se no nosso organismo, o que tem a intelligencia de mais vivo, e de mais puro e intenso o genio, acaso deixará de actuar amanhã, por fôrma igualmente poderosa, ou n'este ou n'outra planeta? Todos estes elementos que a nós nos parecem dispersos, ou absurdamente extinctos, não formarão dentro em pouco, isto é, em algumas dezenas de seculos, outro corpo inteiro, luminoso, estrella de fulgurante brilho n'uma outra constellação? Não poderão vir a deslizar por um raio de luz os fios diamantinos da sua palavra? Na liberdade, que elle apostolizou, não virão ainda a tomar fôrma material as concepções elaboradas no seu espirito? E o genio d'onde brotava o seu verbo augusto apagar-se-hia porventura como elemento nullo no laboratorio colossal do cosmos, d'onde ao mesmo tempo n'uma profusão extranha e n'uma harmonia infinita, saem astros e ventos, flores e monstros, aberrações e genios?

Portanto, sigam esta orientação os que dão a esta chronica a honra de a ler, quanto mais não seja para me justificar plenamente de t-la começado por um registro de morte.

...

Tudo varia, tudo muda, tudo se transforma. O constante é o inconstante, a verdade é o inverosimil, o irregular é o normal. A natureza não dá saltos, diz o adagio, na natureza os infinitamente grandes e os infinitamente pequenos são manifestações identicas da mesma fôrça, e certo, mas é verdade tambem que a variedade infinita e a inexgotável fecundidade abyssman por tal fôrma os nossos olhos e os nossos espiritos que o eterno, o que sempre existiu, nos dá a toda a hora a sensação do imprevisto e do novo.

Até no nosso espirito se dão phenomenos que as lentes da critica são impotentes para observar. Do que n'este momento se passa no meu sei tão pouco que me julgo inapto para explicar como é que depois de escrever esse nome «Castelara», aureolado de todos os clarões, a penna traça automaticamente esta palavra: «cambios», com todas as suas letras grossas e prosicas! Não sei porque mysteriosa elaboração o pensamento que se alou aos espaços azuis se subitamente no chio, se deixa envolver no pó que levanta. Mas é assim a fatalidade das coisas, o velho *ananké* dos gregos tem sobre nós todos um dominio imperioso, e obedecer-lhe é a nossa missão.

Como é que o sentimento, a opinião, a preocupação publica, podiam deixar de ter n'esta columna o seu echo, de fixar aqui a sua vibração? E sou talvez d'esta absorção mental um agente instinctivo, inconsciente. Sinto a necessidade de falar n'aquillo em que todo o mundo fala, sinto que o destino me impõe a obrigação de ser banal como toda a gente.

Os cambios? Pois que outra coisa ha ahí que tanto preocupe n'este momento um paiz inteiro? O cheque Londres a 37/16, a libra sterlina a descer, o cambio do Brasil a subir, que outro assumpto de maior interesse do que este? A libra, que andava tão arredia, volta a visitar-nos, a dar por o ar da sua graça, a mostrar-nos a effigie da Rainha que por um feliz acaso celebrava os seus 80 annos no mesmo momento em que nos era dado o feliz privilegio de tornar a contemplar a sua figura augusta e graciosa!

Voltamos, não ha duvida, a vogar n'um mar de felicidade. Na quem diga que nos bate á porta o periodo das vacas gordas, que com a sua companheira inseparavel, a sua amante, a libra sterlina, se tinha exilado não sei para que paiz mais ditoso que o nosso...

Agora, não, graças, á Providencia das finanças! Lazaro chagado

bastou que Christo-Espregueira clamasse: *Surge et ambula*, para que saíssemos do tumulo e voltássemos á vida. Não estamos ainda em plena abundancia, mas estamos quasi... ao par. A libra será dentro em pouco o que d'antes foi, e adeus tristezas, adeus ralacões, adeus miseria! Vemos já sorrir ao longe a vida airada com todos os seus encantos, e das antigas ruínas renascer a estatua do ouro, sobrando uma cornucopia d'onde caem por hora milhares de libras sterlinas. Simplemente ao lado d'ella parece erguer-se uma figura de mulher lacrimosa, requeimada pelo sol torrido, macerada pelo trabalho, e cuja phisionomia espelha uma grande dor, semelhante não á da *Mater dolorosa* que chora a morte do filho querido, mas á de filha delicada e leal que a mãe abandonou... e vendeu.

Brasil-Portugal

## EMILIO CASTELAR

**O** DESTINO compraz-se ás vezes em pôr á prova a resignação dos povos, como tantas vezes sujeita a essa mesma prova a coragem dos homens.

Como estes, quando feridos nos seus affectos mais intimos, tambem aquelles estresemce de magoa, pela perda dos seus filhos mais notaveis e celebrados.

A Hespanha, a briosa e cavalheiresca Hespanha de tantos seculos de gloria e de triumphos magnificos, acaba de perder o seu maior vulto contemporaneo, o seu mais illustre e festejado cidadão, aquelle que mais alto soube, pelo calor da eloquencia e pelo primor da locução, interpretar-lhe todas as suas aspirações, todo o seu sentir.

Morreu Emilio Castelar!

Assim o transmittiu o telegrapho a todo o mundo, no seu frio lacónico, na sua feroz velocidade.

E' extincta essa brilhantissima luz d'um privilegiado talento que, durante meio seculo, illuminou com os esplendores dos seus raios a tribuna parlamentar, o journalismo e as letras!

Emmudeceram para sempre esses labios de ouro que tantas vezes deixaram jorrar em catadupas vertiginosas as mais finas perolas da oratoria tribunica, as mais delicadas flores da inspiração e da poesia.

Não pretendemos traçar-lhe a biographia em citações de mais conhecidas por todo o mundo culto.

Basta que digamos que foi o maior orador da peninsula, e que para se lhe achar competidor seria necessario recuar a edades extinctas.

Romancista cheio de sentimento e de lyrismo, deixou essas qualidades admiraveis affirmadas na *Irma da caridade* e na *Historia de um coração*. Jornalista, os seus artigos politicos e as suas chronicas espalhadas pelas revistas da Europa e da America eram lidos com attenção e meditados pelos maiores vultos contemporaneos.

Orador, a fama do seu nome era universal. Um discurso seu constituia um acontecimento de sensação não só em Hespanha, mas em todos os paizes.

Nenhum como elle soube elevar tão alto o prestigio suggestivo da palavra, dar-lhe tanto relevo, tanto colorido, tanta energia.

Nos seus discursos vibrava, inteira, a alma romantica e apaixonada da naçãoiberica. Dir-se-ia, quando elle falava, que a Hespanha o encarregára de expôr ao mundo a sua maneira de sentir e o sacrosanto desejo de affirmar perante elle as soberbas tradições da sua historia.

E por assim incarnar na sua eloquencia tão vivamente expressiva os sentimentos da patria é que elle foi o seu filho mais querido e um dos raros que partindo de uma origem humilde ascendeu até ao fastigio do poder, occupando o logar supremo de chefe do Estado.

Todas as nações sentiram profundamente a morte do grande tribuno, e n'este momento angustioso em que as feridas da Hespanha ainda sangram abundantemente, o desaparelhamento de Castelar foi uma ferida nova que se lhe abriu no coração, porque era tambem ao coração dos hespanheos que o grande orador sempre se dirigia nos seus incomparaveis reptos oratorios.

O Estado resolveu fazer-lhe exequias a expensas suas, mas a familia recusou-se a aceitar esta intervenção. O corpo de Emilio Castelar, antes de descer ás trevas silenciosas do tumulo, foi depositado no parlamento, n'esse glorioso theatro da sua gloria e das suas victorias de gladiador audaz que nenhum outro pode vencer.

Todos os parlamentos do mundo, que estavam abertos á data do seu fallecimento, ouviram o elogio do grande tribuno. Portugal foi dos primeiros, e o governo e ambas as camaras, pela voz mais eloquente dos seus oradores, renderam homenagem publica á memoria d'este grande homem, e associaram-se fraternalmente á dor que com tanta violencia acaba de ferir a Hespanha.



# BARCAROLA

**(INEDITOS)**

Desce, de pedra em pedra, minha amada,  
Vem a mim, com cuidado, de vagar:  
Da lua a hostia de prata immaculada  
Sobe das ondas turbidas do Mar.

*As saias colhe, na areia fria,  
'Pisa de leve. Cuidado! Vem!  
Ouve das ondas a symphonia...  
Toma-me o braço, firma-te bem.*

Juntos estamos, vês? N'este rochedo  
Sentemo-nos agora, em frente ao Mar.  
Confia-lhe sem pejo o teu segredo:  
Que o meu segredo vou-lhe confiar.

*'Rompendo as nuvens, alvinitente,  
O plenilunio desabrochou:  
Lotus immenso, que, de repente,  
'De claridade tudo inundou.*

Segredos? Pensas que é possível tel-os  
Junto do grande falador — o Mar?  
Nem precisa de ouvir p'ra conhecel-os,  
Pois sabe os corações adivinhar.

*Escuta: as vagas, mansas ovelhas,  
'Balem te ás plantas, balem de amor;  
E nas areias brincam scentelhas  
Como phalenas n'um prado em flôr.*

Confessemos-nos, pois, ao grande amigo:  
O Oceano é um confidente singular...  
Quantos dramas de amor guarda consigo!  
Querida, confessemos-nos ao Mar!

*Olha-me aquella branca falúa  
Como destila, corre subtil...  
Semelha, curva, na luz da lua,  
Lua de prata n'um ceu de anil.*

Vamos, conta sem medo, minha amada,  
Teu goso e teu supplicio ao velho Mar...  
Entrega-lhe a tua alma conturbada  
Que ha de o monstro a tua alma socegar.

*'Boiam nas ondas negras e inquietas  
'Phosphorescencias, vagos clarões...  
São esperanças mortas de poetas,  
'Pobres destroços de corações.*

Que me amas, querida, confessaste,  
E que te amo acabei por confessar.  
Apenas tal ouviu, não reparaste?  
Aos nossos pés veio estender-se o Mar.

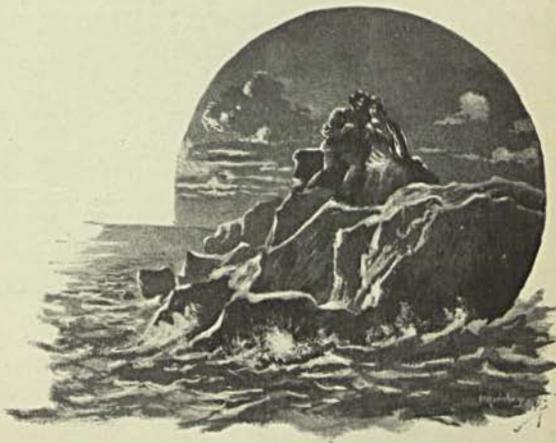
*Gemidos passam nos frios ventos,  
Soluços hartos, tremulos ais...  
São talvez preces ou juramentos  
'Dos que não resam nem juram mais.*

O Mar veio dizer nos brandamente,  
Falas de amor ouvindo-nos trocar:  
'Amac-vos, filhos meus, eternamente.  
E jurámos-lhe sempre nos amar.

*'Meu Deus! que estranha, fria risada  
'Passou nas ondas, perdeu-se além...  
Oh! como tremeis, minha adorada!  
'Toma-me o braço, firma-te bem.*

Rio de Janeiro, 31 3-99.

VALENTIM MAGALHÃES.



Conselheiro *José Luciano de Castro*

PRESIDENTE DO CONSELHO



No seu gabinete de trabalho



No jardim — A esposa de José Luciano de Castro

descansa, na leitura de um jornal, das fadigas constantes e inerentes à sua elevada posição. Por conseguinte é o homem visto em família, é o cidadão modesto, que conseguimos hoje reproduzir n'estas paginas. E, para que, sob este especial ponto de vista, fosse completo o quadro, ahí teem essa outra estampa, que representa um trecho do jardim, onde se vê a esposa do sr. José Luciano, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Emilia Scabar de Castro, com outras senhoras da sua familia.

Procuraria em vão quem tentasse descobrir ostentações de opulencia ou de vaidade na casa da Rua dos Navegantes. O maior elogio que ao caracter de um homem pode fazer-se está n'isto: exercendo o poder com pequenos intervallos n'um periodo de tão largos annos, está por concluir ainda a casa que o sr. José Luciano de Castro fez construir para sua residencia e de sua familia. Facilimo é o comentario, que pode ainda desdobrar-se. Em Portugal, os serviços feitos, o trabalho honesto, mesmo na mais elevada esphera social, são compensados por tal forma, que, se chegam a permitir a um cidadão illustre o começo da realisação de um *desideratum*, não permitem que o veja levado a effecto! E ao mesmo tempo é resposta eloquente aos que julgam que n'este paiz os homens politicos só querem o poder para á custa d'elle se locupletarem.

O lar do actual presidente do conselho de ministros impõe-se pelo exemplo. E' que á frente d'elle está uma senhora que, pelas qualidades pessoas que a ennobrecem, honra o seu sexo. Esposa desvelada e mãe amantissima, dotou-a a natureza de facilidades superiores para ser a companheira digna, consciente, responsavel. Está, como raros, á altura da missão que desempenha. N'esta terra, onde a maior parte da gente está deslucada, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Emilia está no seu lugar. Honra a tradição que herdou do pae, juriconsulto de valor e caracter sem mancha, e é tão correcta e alta a comprehensão que tem do dever pela sua missão imposto, que, assim como uma mulher pode dirigir um paiz, a nobre esposa do presidente do conselho, no impedimento de seu marido, podia dirigir o governo.

## O banquete a Ferreira do Amaral

**F**ESTA que teve tanto de affectuosa como de imponente. De affectuosa porque fez vibrar no mesmo impulso e no mesmo entusiasmo corações portuguezes, fazendo afforar a muitos labios palavras de saudação e de boa vinda, que se dirigiam áquelle que pouco antes representara nobremente a patria portugueza em terras do Brasil.

Foi ali na Sociedade de Geographia, onde o seu antigo presidente ia reassumir funções interrompidas na mais honrosa commissão official que a um marinheiro pode ser conhada, foi n'essa bella sala *Portugal*, que o governo, representado pelo presidente do conselho e pelos ministros da marinha, das obras publicas e dos estrangeiros, o ministro do Brasil, os corpos gerentes da Sociedade, e alguns dos seus socios illustres, os officiaes da guarnição do *Alamastor*, os mais altos representantes do functionalismo e os presidentes das associações do commercio e da industria, consagraram solemnemente os serviços do conselheiro Ferreira do Amaral como premio de ter representado com amor e lealdade de portuguez a patria portugueza.

Os que tiveram voz n'esse banquete, os ministros, os representantes da industria, da agricultura e do commercio, saudaram-n'o em nome do paiz e aos officiaes que teve sob o seu commando, e elle agradecendo, teve ensejo de recordar o que foi esse acolhimento triumphal, e, fechando com chave de ouro, brindou ao rei, como brindou ao sympathico presidente da Republica brasileira o ministro dos estrangeiros.



Residencia de José Luciano de Castro

## Episodios Marítimos

A CORVETA *D. João I* era um excelente barco de vela construído de teca, que durante mais de meio século prestou activos e muito notáveis serviços ao nosso país. Foi dos estaleiros da Índia que ella cahiu ao mar, como cahiram tambem a fragata *D. Fernando*, as corvetas *Goa* e *Damão*, os brigues *Villa Flor* e *D. João de Castro* e outros.

Nesses tempos havia bons operarios, boas madeiras e bons constructores, geralmente gentios da Índia, para essas construcções que podiam apresentar-se sem vergonha ao pé das congéneres de outros nações. Hoje parece que nada d'isso ha já: a teca vem dos mercados inglezes porque a das nossas mattas da Índia ficaria mais cara; os constructores navaes não acompanharam os progressos da sciencia, sendo necessario substituil-os por estrangeiros; os estaleiros onde em Goa e em Damão taes navios foram construídos, desapareceram completamente para darem lugar a viciosissimos palmares; os operarios procuraram outras occupações para a sua actividade. Mas vamos ao caso.

A corveta *D. João I* tinha uma bateria corrida de 10 peças por banda, castello e um grande tombadilho, como ainda a conhecemos quando acompanhou a ilha da Madeira a fragata *D. Fernando* com a Imperatriz Viuva e a Princesa D. Maria Amelia. Annos depois, precisando de fabrico, foi-lhe tirado o tombadilho grande e substituído por um muito pequeno, passou a ter apenas seis peças por banda, peixans de 32, e o pavimento superior, que fóra de teca como todo o navio, foi substituído por pinho.

A guinda da mastreação era bastante grande mas airosa, proporcionada e bem aguentada; e como o navio tinha muito boas qualidades marinheiras, podia-se puchar por elle com toda a confiança.

Numa occasião, em novembro de 1864, em viagem de Moçambique para a bahia Falsa, apañámos, apesar de ser na força do verão, uma valente garraõ do WNW perdida da baralha e que nos obrigou a metter de capa seguida. Estavamos então proximoamente no meridiano da bahia da Alagõas, não longe da terra que contido se não via, e seguimos com as duas gavaes nos terceiros, traquete, rebecca, vela de estai e polca com amuras a EB. Não nos convinha ir muito para o mar, onde seriamos affrontados por vaga muito grossa; e por isso mandou o commandante metter na outra amura. O official pediu licença para tentar a manobra por d'avante, o que é sempre mais bonito, e a corveta obedeceu docilmente como se fosse um brigade. Era admiravel!

Com calções não era navio para grandes coisas; mas em havendo vento fresco podia-se puchar por ella que seria difficil passarem-lhe adiante.

Nessa viagem tivemos que metter um mastro novo de traquete no Cabo da Boa Esperança, porque o antigo appareceu podre na romã; mas a antena nova, aliás de boa Riga, não tinha a palha conveniente. Iamos portanto sempre com certo cuidado, especialmente na viagem de Loanda para Lisboa; e quando, depois de passar as calmas equatorias tivemos que metter á orça com uma brisa muito escassa que nos levou a perto de 44° W!

O mastro novo torcia-se bastante e sacodia a enxarcia com os ventos de bolina e com os balanços; mas por isso o tinhamos aguentado extraordinariamente com o enque e com costaneiras feitas com as melhores estalheiras dobradas. De resto o apparelho ia todo reforçado como era de uso prudente naquellas longas viagens, em que não havia a contar-se senão com o panno. Os masteares de galope tinham vindo para baixo e em seu logar tinham-se posto á cunha os masteares mochos; havia contra-brandas a barlavento, contra-brancas nas vergas mestras, boças nas escotas das gavaes, etc.

Nunca avisámos pela popa navio algum, o que era uma das nossas suas ufanias e um titulo glorioso para a pobre corvetinha de quem hoje ninguém faria caso, e que então tanto apreciavam aquelles que a conheceram.

Um dia, seguindo nós só em gaviás nos primeiros e papafigos por ser o vento bastante fresco, avistámos uma vela pela proa: era uma barca que ia como nós mas que não parecia andar muito menos. Houve grande ansiedade á bordo, mas metteu-se a noite e nada mais se viu. Na madrugada seguinte não tendo variado as condições de tempo, lá estava a barca com proa, um pouco mais proxima talvez, mas para a tarde distanciou-se e escondeu-se nas sombras.

No terceiro dia o mesmo navio phantasma á vista; mas a nossa impaciencia já muito excitada, á falta de haver incidentes mais interessantes que nos distrahissem da habitual monotonia. O commandante, que tomava parte no interesse d'aquella caça, disse para o official de quarto:

— O sr. tenente, mande tirar dos rizes e faça força de vela a ver se agarramos aquelle navio.

O tenente não quiz ouvir outra coisa; mandou chamar o mestre, e gritou em voz sonora:

— Pega nas talhas de lais; ala; talha ao lais vivo; ronda o brando dos brancos de barlavento; forma a risar.

A guarnição que tinha cinco annos de estação trabalhosa em Moçambique e que ia para Lisboa, corria rapidamente para os cabos e trabalhava muito bem.

— Prompto a subir... sobe... paus promptos.

A gente juntou-se no terço das vergas, e em seguida:

— (ça paus... fora. As gavaes vão fora dos primeiros.

— A gente espalhou-se nas vergas e começou a desamarrar a risadura do terço para o lais. O gageiro que estava ao lais de barlavento, e o sota no de sotavento arriaram depois suavemente os impudouros, continuando o tenente:

— Dentro... paus promptos a arriar... arria paus... larga as talhas de lais... desce... Pega nas adriças de gaviás.

Desceu a gente içaram-se depois as gaviás até portarem bem pelas testas, ageitaram-se os braços, rondou-se o brando ás bolinas, e viu-se que o navio se não sentia affrontado com o aumento de lona.

— Larga o joanete grande.

Subiu a gente rapidamente e largou a vela.

— Pega nas escotas... çaça... Adriça e braços no lais.

Içou-se e mariou-se o joanete grande, e o navio começou a espalmar-se melhor e a levantar mais cachão.

Uma hora depois estavamos sensivelmente mais perto da barca; e vendo-se que o vento não era demasiado largou se tambem o joanete de proa. Entrámos então rapidamente com o navio desmarchado, o qual içou a bandeira ingleza, içando nós as nossas insignias. Mais outra hora e fomos passar-lhe ao longo do seu costado de BB a uns 100 metros de distancia, o maximo. Nessa occasião a nossa banda de musica, composta de curiosos adestrados pelo commissario, que era um verdadeiro artista, rompeu com o magestoso hymno inglez, de quem conhecido *God save the Queen* que foi saudado de bordo da barca com estrepitosos hurrahs e cumprimentos da bandeira.

A barca foi-nos ficando pela albeta, depois pela popa, e ao anoitecer já ficava em caso alagado para desaparecer de todo e por uma vez.

Tinhamos diligenciado vér a ilha de Santa Maria dos Açores para verificar a nossa posição e reconhecer o erro dos chronometros. O tempo não estava muito seguro, o vento soprao fresco do NNW e o mar era bastante agitado; mas como o horizonte não estava muito claro e se metteu a noite, não chegámos a vér Santa Maria. Marémos e seguimos com proa de E 1/2 N. E da agulha em demanda da costa de Portugal, chegando a corveta com o vento um pouco de ré do travez a deitar as suas 14 milhas com facilidade.

N'outra noite—era isto depois de 20 d'Abril— seriam 9 horas e fazia frio. O navio ia correndo no paralelo com o mesmo vento e com todo o seu panno redondo incluindo cotellos, cotelinhos e varredoura. Estava escuro como breu, e o official de quarto, mesmo que estivesse noite estrelada e clara não podia vér a direito para a proa por causa do traquete e varredoura. O navio ia andando as suas 9 milhas e meia.

De repente o 2º marinheiro preto Manuel Gomes Bexiga subiu por acaso ao castello e viu com asombro, quasi em cima de nós em rumo exactamente opposto, o vulto de outro navio de vela muito grande, carregado de panno e sem furoes! A nossa vela tinha-se agachado com o rio embrulhada na manta e adormecera!

O Bexiga comprehendeu n'um relance que o momento era extraordinariamente critico, e que só uma rapida decisão poderia salvar de uma morte horrorosa e quasi certa as duzentas e tantas pessoas que viviam a nosso bordo. A velocidade com que os dois navios caminhavam um para o outro não daria tempo a que elle viesse a ré avisar o official de quarto; e no entanto era indispensavel que se tomasse uma resolução prompta.

Em taes condições o decidido marinheiro gritou para ré para o homem do leme:

— Orça todo.

O homem do leme ouvindo aquella extranha ordem, comprehendeu de prompto que havia algum perigo grave, e obedeceu immediatamente sem inquirir se era elle legitimo ou não.

A corveta veio duas ou tres quartas para o ló, pondo ás costas o panno miudo e fazendo uma grande confusão na mastreação e na manobra. D'ali a instantes o outro navio que arribara um pouco, veio passar pelo nosso costado de EB a uns 20 metros de distancia com uma velocidade que fazia pavor, apparecendo á borda alguns tripulantes levantando um d'elles uma lanterna! D'ali a 5 minutos o extranho navio perdera-se de vista pela popa fura mergulhado nas trevas! O panico a bordo foi indescriptivel: toda a gente veio acima como impellido por uma mola, presenciar aquelle arriscadissimo lance e avaliar o perigo de que tinhamos escapado providencialmente pela arrojada e opportuna atterpachação de um pobre e modesto marinheiro preto que se não atrapalhou nem perdeu a cabeça no momento do perigo.

Mas passado esse perigo, começou a averiguação das responsabilidades para se premiar ou castigar quem fosse mercedor de uma e outra coisa. O moço que estava de vigia e que a sendo causador de uma horrorosa catastrophe, levou logo ali ço chiblatados. O marinheiro preto Manoel Gomes Bexiga que nos salvou foi logo promovido a 1.º marinheiro e elogiado.

Esse Manoel Gomes Bexiga, depois de acabar o seu tempo de serviço na Armada, foi para os navios mercantes, encontrando-o nós annos depois em Moçambique na barca *Novo Paqueta*.

A 3 de maio de 1865 por uma formosissima tarde de sol, subia a corveta *D. João I* pelo Tejo acima com o seu panno muito bem mareado com ventos pelo N bonafegos. Em frente da Rocha do Conde de Obidos estava surta a esquadra ingleza do almirante Sir Thomas Symonds que viera trazer a ordem da Jarreteira para El-Rei D. Luiz. Compunha-se essa esquadra dos grandes coraçoados de 5 masts «Minotaur», «Agincourt», «Northumberland» e mais do «Hercules» e outros navios menores. A essa hora salvava a esquadra toda embandeirada e com a gente nas vergas porque El-Rei fôra visitar o almirante. O espectáculo que da corveta *D. João I* presenciamos depois de quatro annos de estação era surpreendente!



Uma feira de gado em Ponte de Lima

## O "Adamastor" no Brasil

### Exposição de brindes

REPRESENTA o patriotismo português na sua forma mais sincera e mais alta. D'entre tantos brindes, os que menos significam pelo valor material não valem menos pelo que em si contêm de affecto, de saudade, de entranhado amor pelo torrão natal. Em muitos chega a ser tocante a simplicidade das dedicatórias. Não são apenas as grandes comissões, os grupos numerosos, as classes inteiras, que vão por meio de um brinde protestar o seu amor, a sua dedicação à pátria ausente, representada n'um navio de guerra. São, e muitos, dadas pessoas, isoladas, humildes, assignadas por nomes ignorados, modestos como a offerta que subscrevem.

Pode afirmar-se, sem receio de cair em erro, que só portugueses auentes do seu paiz se desentranhariam em manifestações de tão profundo sentimento patrio. Esta exposição do *Adamastor* o que é senão o prolongamento da acção civilisadora e patriótica exercida por portugueses em todo o territorio brasileiro? Este *certamen* de patriotismo o que é senão a continuação honrada d'esse *certamen* de dedicações e de esforços que tem espalhado por toda a parte, por todos os Estados do Brasil, gabinetes portugueses de leitura, associações de beneficencia, estabelecimentos de instrucção ou de recreio?

Mas é justo que n'este logar repitamos o que mais de uma vez aqui affirmámos: no mesmo affecto, no mesmo enthusiasmo com que foi acolhido no Brasil o *Adamastor*, o seu commandante e os outros officias da nossa marinha de guerra, commungaram brasileiros e portugueses. Muitos d'esses honrosos brindes são firmados por nomes de brasileiros.

A aquellos que os não viram expostos no *Aquario d'Algés*, representado na nossa ultima gravura das paginas 4 e 5, julga o *Brasil Portugal* prestar um serviço, reproduzindo-os nas suas paginas. Juntamente com o *ensemble* da exposição tomada pela objectiva sob dois aspectos, damos grupos de brindes, e brindes isolados reproduzidos com a maior exactidão photographica.

Todos os Estados do Brasil que o *Adamastor* visitou estão aqui representados. Em todos elles ha portuguezes, ha offerntes, ha entusiastas.

Logo á entrada da sala, á esquerda, vê-se uma riquissima *bandeira* bordada a ouro, com esta inscripção em largas fitas:

Ao digno commandante e briosa officialidade do *Adamastor*.  
Offerre um grupo de empregados do commercio do Rio de Janeiro.

Muitos outros brindes offerredos no Rio de Janeiro figuram nas nossas paginas.

O lindissimo *relogio* representado n'uma das gravuras tem esta inscripção:

Offerredor por um grupo de compatriotas ao cruzador portuguez *Adamastor*.

Rio de Janeiro, 17-11-58.

Aquelle pequenino *quadro de borboletas*, que tem uma historia commovente, foi offerredor por duas senhoras, mãe e filha, ambas do Rio de Janeiro.

O *Christo de marfim*, da Casa Succena, é uma obra de arte e de valor.

S. Paulo figura abundantemente na exposição. O *oculo de marinha*, em prata, que se vê n'um grupo de diversos objectos, é tambem uma obra d'arte. Tem estas palavras:

Ao ex.<sup>o</sup> conselheiro Ferreira do Amaral offerre o Centro Literario Portuguez de S. Paulo. — 1898

Em S. Paulo foi offerreda a *pasta* riquissima que reproduzimos, contendo em pergaminho uma saudação ao commandante, officias e marinheiros. Tem cantos de prata e uma corça com brilhantes, rubis e perolas.

E' da mesma cidade a chapa de prata que representa o *Adamastor*. Tem nos mastros dois brilhantes e esta dedicatória:

Ao ex.<sup>o</sup> conselheiro Ferreira do Amaral e briosa officialidade do cruzador portuguez *Adamastor*.

Offerre a commissão iniciadora das festas da colonia portuguez. S. Paulo, 3 de dezembro de 1896.

José Borges de Figueiredo.  
C. Alves de Figueiredo.  
Eduardo Ribeiro

Por baixo de um dos quadros que reproduzimos, vê-se uma corça de carvalho e louro, em prata, e estas palavras:

Offerre um grupo de lusos.

S. Paulo, 1896.

E ao lado um *ramo de flores* com uma pomba, offerredor no Rio de Janeiro pelos cavalleiros Tinoco, José Bento de Araujo e Adelino Raposo.

E S. Paulo, finalmente, está ainda representado na nossa pagina pelo quadro em que se vê a officialidade do corpo de bombeiros d'aquella capital do Estado.

O Pará, que com tão extraordinario enthusiasmo acolheu o *Adamastor*, tem aqui larga representação.

O commercio brasileiro d'aquella cidade offerre o grande *quadro*, bello trabalho em folhas naturaes desenhando as armas portuguezas, que se vê ao centro, com esta dedicatória:

A' officialidade do *Adamastor*.

Commercio brasileiro.

Para, 1896

A *medalha* de ouro, com um grande brilhante ao centro, foi offerreda n'um estojo com as cores do Brasil e de Portugal, e esta inscripção:

Offerredor pela Real Associação D. Vasco da Gama e Associação dos Empregados do Commercio do Pará.

A' briosa officialidade do cruzador portuguez *Adamastor*.

12-2-99.

E' da Real Sociedade Portuguesa Beneficente do Pará a grande *pasta azul e branca* com o diploma de socio honorario, concedida ao commandante do navio.

Petropolis figura com um magnifico *relógio de ouro* em estojo de ebano, e um cartão em prata, onde se lê :

Ao ex.<sup>mo</sup> conselheiro Ferreira do Amaral.

27-11-98.

O commercio de Petropolis.

E o Gremio Portuguez do Amparo, com um bello *quadro*, concedendo tambem ao conselheiro Ferreira do Amaral o diploma de socio honorario.

Campinas com um bello quadro emmoldurado em pellicia com guarnições doiradas, encerrando o diploma de socio benemerito ao conselheiro Ferreira do Amaral, concedido pela Sociedade Portugueza de Campinas.

Pernambuco oferece alem de medalhas e diplomas uma formosa *pasta em moiré grenat*, onde se lê n'um bilhete de ouro :

A' guarnição do *Adamastor* o Gremio Portuguez B. Thomaz Ribeiro, em nome da Mocidade Portugueza empregada no commercio de Pernambuco.

Saída vos.

O *quadro* de que damos gravura isolada, offerecido na Bahia, representa o *Adamastor* no porto d'aquella cidade e tem um bilhete em prata com estes dizeres :

Offerecido a briosa guarnição do *Adamastor* pela mocidade portugueza residente na Bahia.

Brasil em Janeiro de 1899.

O auctor d'este quadro é Tito Baptista.

A cidade de Santos offerece tambem um magnifico quadro a oleo representando a entrada do *Adamastor* no seu porto. E' o que se vê n'uma esplendida moldura, ao alto de um dos nossos grupos. Em uma chapa de prata, encimada pelas armas reaes portuguezas, lê-se :

Ao *Adamastor* a colonia portugueza de Santos.

## Augusto de Castilho

Muito de proposito reservámos para o fim as honrosas distincções com que por entre tantas festas foi saudado o prestigioso nome do nosso presado collega, ausente na Belgica, em missão do governo, o conselheiro Augusto de Castilho. Acclamado por toda a parte, festejado em todo o Brasil, não houve Estado visitado pelo *Adamastor* onde o seu nome não fosse recordado, com affecto carinhoso e indelevel gratidão, por brasileiros e portuguezes.

E foram portuguezes e brasileiros que lhe offereceram em S. Paulo esse precioso e significativo *bilhete de ouro* que abre a nossa pagina do *Adamastor*. O monogramma, a ancora, e a coroa são cravejadas de magnificos brilhantes e as palavras ao centro são estas :

Ao heroico Commandante da *Mindello* e da *Affonso de Albuquerque*, em 1894, nas aguas do Rio de Janeiro. Homenagem de Brasileiros e Portuguezes residentes em S. Paulo. 6-12-98.

O Rio de Janeiro conferiu tambem ao director do *Brasil-Portugal* um *diploma de honra*, n'uma esplendida moldura, igual ao que foi conferido ao conselheiro Ferreira do Amaral, e que figura em um dos nossos grupos. Leem-se-lhe ao centro estes dizeres :

A Associação de Beneficencia Memoria ao almirante Saldanha da Gama, attendendo aos direitos que aquiriu o Ex.<sup>mo</sup> Sr. conselheiro Augusto de Castilho, lhe confere o presente diploma de socio honorario, para que goze das prerogativas especificadas nos respectivos estatutos.

Rio de Janeiro, Novembro de 1899.

Presidente

Antonio Eduardo Pinto.

Secretario

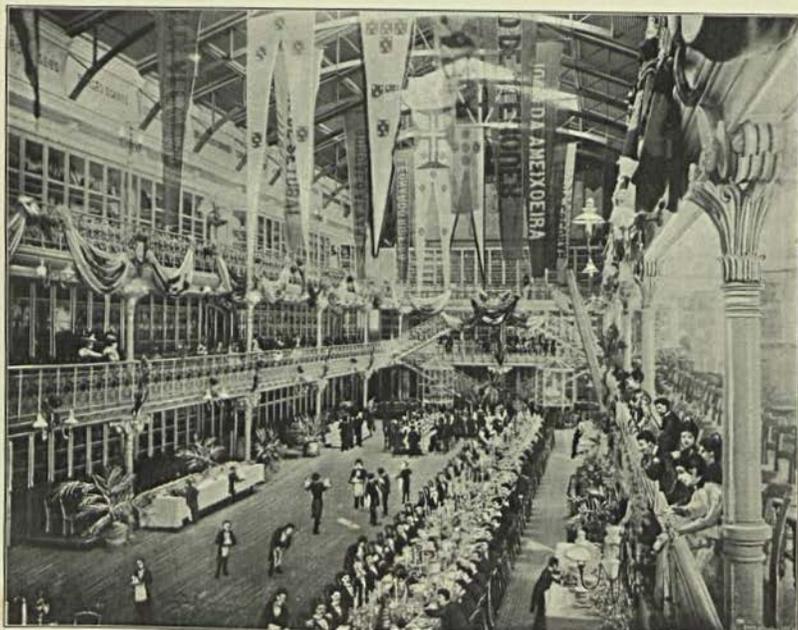
Jolo Carlos Trindade.

Theoureiro

Alberto F. d'Almeida.

E aqui teem como Portugal, atravez de tantas sympathias e carinhos, foi honrado no Brasil.

## O banquete a Ferreira do Amaral



Na sala «Portugal» da Sociedade de Geographia

## Chronica d'outros tempos

## AS TOIRADAS

## III

Filippe IV, o Luiz XV hespanhol, *el-rey majó y libertino*, como lhe chamou Marchena, revelou-se, a par de um fêmeico (1), um fogoso amador do sportismo taoumachico e cynegetico. Lidou toiros, e matou mais de quatrocentos javalis por meio de estoque, forquilha e lança, que elle flo-reava com o virtuosismo de um esgrimista n'um assalto de florete.

Amigo dos artistas e dos escriptores, elle mesmo atacado de uma litteraturite aguda, teve a fortuna de ver brilhar no seu reinado alguns mestres da penna e do pincel — Calderon e Lope de Vega, Velasquez, Zurbaran e Murillo.

O espectáculo marcial dos torneios e das justas conservou-se, não como escola militar, mas como passatempo tradicional, sem que constituísse já parte obrigada das festas publicas. Os nobres, effeminados pela mollicia sybaritica, pelas elegancias superfinas do viver cortezaño, preferiam ser espectadores sedentarios a ser fêrvidos lidadores nas toiradas, o que deu em resultado ir-se transformando este exercicio de habilidade, de audacia varonil e de graça heroica, em repugnante carnificina.

Filippe IV offereceu á sua côrte um espectáculo especial, onde combateu, a cavallo, contra um javali formidavel (2), e conquistou uma d'essas glorias ephemerhas com o halito que embacia um espelho.

Não obstante as bullas pontificias prohibirem a assistencia de religiosos aos combates de toiros, sabe-se que em 1626 houve em Madrid uma toirada real, a que assistiu o proprio cardeal legado á latere (3). Nas festas de San Izidro, em 1636, lidaram-se toiros no Buen Retiro, entrando tres *caballeros en plaza*, no numero dos quaes se contava um portuguez chamado Menezes, que quebrou trinta e seis rojões, e acutilou tão violentamente uma rez, que os intestinos extravasaram pelas anchas feridas do ventre.

Pellicer de Tovar, gabando Filippe IV, n'um livro publicado em 1631, e destinado a celebrar uma sorte taoumachica, que este executara, chama-lhe «o grande rei catholico das Hespanhas, monarcha soberano das Indias orientaes e occidentaes, sempre augusto, piedoso, feliz e muito grande.»

Um escriptor coetaneo (4) empregava assim o gongorismo declamatorio, o estilo guindado da epocha:

— «Depois que no celeste amphitheatro, o cavalleiro do dia, montado sobre Phlégeton, picou valentemente o toiro luminoso, vibrando por dardos raios de sol, e tendo para

applaudir os seus ataques a encantadora assembléa das estrellas,» etc.

A côrte de Filippe IV — resplandecente como pavões pompeando no ether incendiado de sol — encarava a vida como um romance inebriante. O soberano era secretamente roido pelos helminthes do prazer; gastava-se em luctas lascivas, exgotando as energias e as reservas de temperamento; arguindo escasso tento, galanteava como o nosso D. João V — uma victima das impulsões atavicas; á laia do nosso Afonso VI — um bravatudo de viella, deixava seus pleitos a cargo resolutivo da sua espada preta.

Entrementes, os sagitarios da maledicencia açacalavam as armas hervadas nos *mentideros* matritenses. O desbrío das classes directoras foi profligado em caricaturas, pasquins irritantes como pimenta, e versos que anavalhavam os aulicos mesuureiros. Em Portugal pasquinava-se (5), chasqueando a governação da duqueza de Mantua.

Dizia na pasquim:

Coitado de ti, Portugal,  
que, depois de tanta finta,  
te mettem a roca na cinta.

Dizia outro:

Portugal, Italiana Rainha sem o ser tens,  
Já não vales dois vintens.

Dizia ainda outro:

Todo o reino que se emborça  
Por cabeça de mulher,  
Deve de ser grande babóca,  
Que lhe comprehend uma roca,  
E vá fiar e coser.

A Hespanha sentia estreitar-se-lhe o cingulo das tyrannias. A monarchia hespanhola suicidava-se pelo absolutismo, diz Rebello da Silva.

PINTO DE CARVALHO (*Tinop*).

(1) Filippe IV, cujos amores se succediam rapidos e variados, como as folhas de um album que se examina, contou trinta e dois bastardos, dos quaes apenas reconheceu um, D. João de Austria, havido da actriz Maria Calderona, o que espirituoso Almirante de Castella enquadrou na moldura insolente de uns versos picantissimos:

Un frayle y una carona,  
Un duque y un cartista,  
Anabran en la lista  
De la bella Calderona.  
Bayló, y alguno blasona  
Que de cuantos han entrado  
En ladanza, ha averiguado  
Quien llevó el prez del balle;  
Pero yo atengome al frayle,  
Y quiero perder doblado.

(2) Paul Lacroix. *Le Moyen Age et la Renaissance*. Vol. I, Chasse.

(3) *Le Tour du Monde*. 1862.

(4) Citado nas Cartas da condessa d'Aulnoy.

(5) Bibliotheca Nacional de Lisboa. *Manuscripts da Secção Pom-balina*. 475.



# A COMPANHIA

# SOUSA BASTOS



Maria Sequeira



José Ricardo



**Maestro Luis Filgueiras**



Corrê



Stael da Silva



Julia de Castro



**Palmyra Bastos**



Antonio de Sá



Maria Tavares



Antonio Gomes



Emilia Eduarda



Alfredo de Carvalho



José Sequeira, **ponto**



Ignacio Peixoto



J. Sequeira



Isabel Coimbra



Adelaida Sequeira



Isabel Marques



José Franco



Joaquim Ferreira



**Sousa Bastos**  
Director da Companhia



Libânia de Carvalho



Joaquina Vettel



Isaura Ferreira

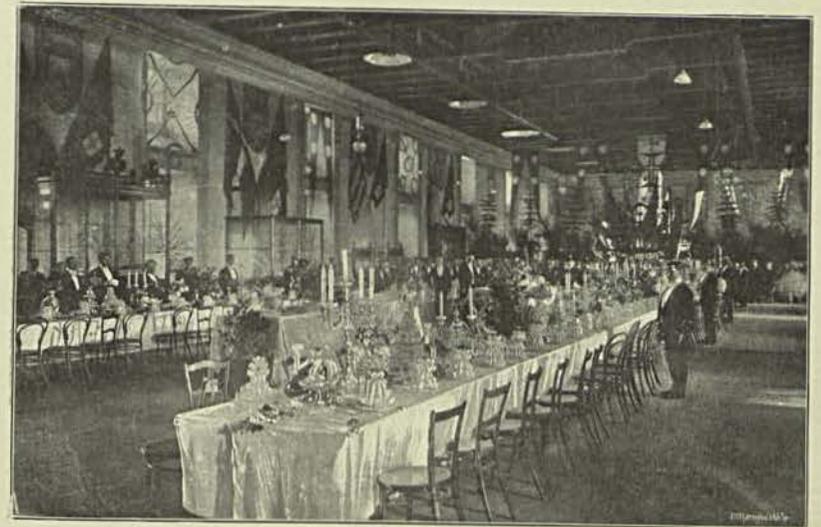


Henrique Alves



Eduardo Raposo

## Sala do risco do Arsenal de Marinha

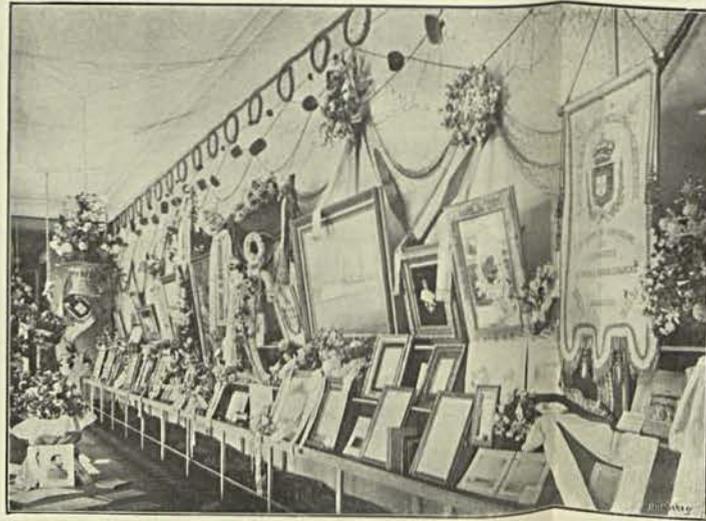


**Os banquetes de esquadras**

# O "ADAMASTOR," NO BRASIL—EXPOSIÇÃO DE BRINDES



O bilhete referenciado a Augusto de Castilho



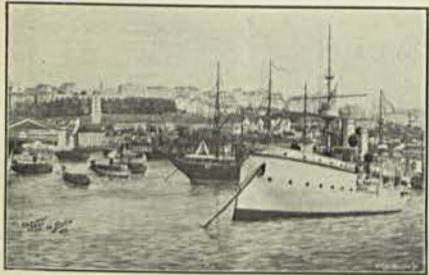
A ala direita da sala



O centro da sala



Um grupo de brindes



O Adamastor na Bahia—quadro a óleo



Quadros a óleo e diplomas



O Christo de marfim



A bandeira bordada a ouro



O Aquário de Algeirs



A ala esquerda da sala

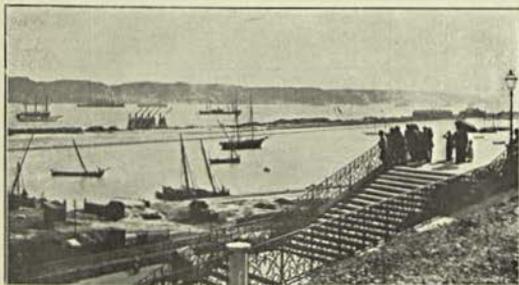
## A PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS

Agurava que publicamos representa a sahida da procissão do Corpo de Deus, da Sé Patriarchal, tal qual se realisa actualmente. Sob o pallio, á frente, destaca-se a figura de El-Rei. Esta solemnidade antiquissima perdeu de ha muito a importancia que teve em remotas epochas, e por isso julgamos de melhor gosto e de maior interesse ir procurar em velhas chronicas varias descrições do que ella foi nos seus tempos de faustosa opulencia.

A procissão que data do seculo xiii teve origem na revelação que recebeu Santa Joanna, religiosa no Monte-Cornelio de Liège, na qual Deus lhe insinuou a necessidade de se estabelecer uma festa ao seu Divino Corpo. A santa guardou segredo por muitos annos, mas, um dia, revelou-o ao seu confessor. D'ahi varios milagres succedidos, até que o papa Urbano IV instituiu definitivamente a festa denominada do Corpo de Deus por bulla promulgada no anno de 1264; ratificada em 1311 por Clemente V, e ainda confirmada por João XXII em 1316. Da epocha em que a procissão se começou a fazer em Portugal não se sabe nada de positivo, mas, segundo D. Rodrigo da Canha na sua *Historia ecclesiastica de Lisboa*, e o padre Francisco da Fonseca na *Esora gloriosa*, ella devia ter-se realisado áhi pelos annos de 1260 a 1264.

Foi a igreja de Nossa Senhora dos Martyres a primeira que gosou do privilegio de fazer esta procissão na vespera do dia em que se celebra a festa acima referida. Fr. Apolinario da Conceição diz na sua *Demonstração historica* não saber quando teve principio esse privilegio, mas que elle fôra concedido ao templo por ser n'elle que se celebrou o primeiro sacrificio da missa na cidade de Lisboa depois de D. Afonso o primeiro a haver tomado aos mouros.

Em tempos muito antigos, a procissão do Corpo de Deus, dos Martyres, alem das confrarias existentes na igreja, levava as figuras dos gigantes, a serpe, o drago, toirinhas, dansas, marimbas, charameillas, o carro dos hortelões, e adiante do pallio ia o rei David, dansando.



A esquadra ingleza vista da Rocha do Conde de Olibões

No reinado de D. João V acabaram estas momices, segundo a nova organisação que o faustoso monarcha deu ao acto tornando-o mais grave e em harmonia com a seriedade devida ás coisas religiosas.

No anno de 1719 realisou-se a procissão, depois de reformada por D. João V, com um luxo e pompa que antes nunca tivera nem depois tornou a ter.

Eis como Ignacio Barbosa Machado, na sua *Historia critica* descreve a solemnidade:

«No Terreiro do Paço armou-se uma columnata immensa que occupava o espaço de 31-420 palmos com 61 columnas de 38 palmos de altura, 14 pilares, 4 grandes frontespicios e numerosas figuras e medalhões, pyramides e outros ornatos.

A procissão percorreu uma grande parte das ruas que mediavam entre o Terreiro do Paço e o Rocio, no espaço onde hoje se encontra as ruas do Ouro, Augusta, da Prata e dos Capellistas. Todas estas ruas estavam toldadas e os mastros que sustentavam os toldos adornados de seda e ouro. Em diferentes pontos viam-se pendentes dos toldos vinte medalhões dourados representando, de um lado o Sacramento entre resplandores, e do outro o braço do patriarcha n'uns, e do outro do senado n'outros.

As janellas dos predios tinham todas cortinas e saenafes de damasco carmesim franjado de ouro, e as paredes cobertas de telas diferentes.

As cento e quarenta e nove columnas dos arcos da Rua Nova estavam forradas de sedas e damascos, e as lojas de baixo dos arcos decoradas com pannos de Arrás.

Os ourives do ouro, nas noites da

vespera e dia da procissão, illuminaram brilhantemente o seu arruamento. Todas as ruas da procissão foram cobertas de areia e alcatifadas de flores e folhagem fresca.

A tropa formava alas e estreou fardamentos novos n'esse dia. A's cinco horas da manhã chegou o patriarcha á Sé seguido de numeroz sequito, todos em riquissimos coches dourados puchados por bellos cavallos brancos.

A procissão começou a sahir ás 7, vindo na frente as bandeiras dos officios da casa dos vinte quarto, bandeiras riquissimas em forma de paineis, de damasco, brocado e lhama de ouro, representando em preciosas tarjas e circulos os santos que em vida exerceram os officios a que ellas pertenciam ou os santos tomados como patronos d'esses mesmos officios. Algumas d'essas bandeiras eram tão grandes, e tão pesadas pelas franjas e bordaduras que asadornavam, que precisavam de tres e quatro homens para as conduzir.

A's bandeiras seguia-se a imagem de S. Jorge e o seu estado.

O santo vestia armas brancas de prata, lança, e capacete com plumas. O seu estado compunha-se de tambores a pé e trombeteiros a cavallo, que precediam quarenta e seis cavallos dos melhores que possuia o rei, magnificamente ajazados. Vinham depois os atabales da casa real e dez trombeteiros, cujos instrumentos eram de prata. Os arrieiros e jaezes dos cavallos eram de prata e de bronze dourado. Não faltava o homem de ferro com uma magnifica armadura verdadeira, a melhor que existia no *Museu Real*, assim como o pagem tirado d'entre os mancebos mais bonitos da nobreza e vestido de deslumbrantes telas bordadas a ouro e pedras preciosas. Seguiam-se as confrarias e irmandades em numero de cento e dezesseite só as de Lisboa Oriental!

As do Santissimo contavam 2:500 irmãos. Entre ellas ia um menino representando S. João Baptista, acompanhado por quatro outros figurando annos, que espargiam flores pelo caminho. Das comunidades, a primeira era a dos meninos orphãos. Os irmãos do Carmo iam em numero de seiscentos. Todos os ecclesiasticos levavam tochas.

A' curia patriarchal seguiam-se os tribunales todos, formando alas, e após estes as ordens militares em numero de 500 freires. A's ordens militares seguiam-se dezoito pagens e capellães do patriarcha e depois os cantores da patriarchal.

Após iam os acolytos e subdiaconos patriarchaes em numero de quarenta, seguindo-se seis capellães do patriarcha e com elles dois cubicularios do mesmo prelado. A's ordens militares seguiam-se dezoito pagens e capellães, e depois os cantores da patriarchal e os acolytos e subdiaconos em numero de quarenta.

Em seguida vinham dois tenentes da guarda real com armaduras e bastões. Vinha depois a cruz patriarchal e aos lados as varas chamadas *Virgas rubras*, e dois capellães levando uma varas tendo nos extremos superiores, molhos de cravos, symbolos do poder da igreja. Após vinha o cabido patriarchal; primeiro os conegos diaconos revestidos de damasco de tela branca, em segundo logar os presbyteros, e por ultimo as dignidades com amito e pluvial riquissimo e formalio igualmente precioso. Todos os vinte conegos que acompanhavam o cabido levavam mitra na cabeça, e cada um era assistido de tres familiares de sua casa, dos quaes um levava a tocha accessa, outro o chapéu, e o caudatario pegando na cauda, e vestido com samarra e cota. Depois do cabido vinha o cortejo do patriarcha que se compunha de seis fidalgos, e entre elles Diogo de Mendonça Côte Real, secretario de estado, e seis fidalgos parentes do patriarcha.

Seguia o beneficiado assistente com o baculo do patriarcha ao lado esquerdo, um capellão com a naveta do incenso, dois acolytos com thuribulos de prata lavrada, dois mestres de ceremonias e doze pagens-escudeiros. Vinha então o pallio de nove pannos e oito varas de prata dourada. Sob elle o patriarcha, acompanhado por dois conegos diaconos segurando as pontas do pluvial, e com as mitras nas mãos. A guarda allemã e portugueza cercava o prestito desde o cabido até aos notarios. O rei e os infantes pegavam ás varas do pallio. Todos os nobres e grandes do reino acompanhavam a procissão que foi monumental pelo apparato, pompa, concorrência, grandeza do prestito e decoração das ruas.»



A esquadra ingleza sahindo do Tejo ás 5 horas da tarde do dia 14 de maio



Emilio Castelar

# Frei Gonçalo Velho

POR AYRES DE SÁ

TEM os leitores do *Brasil-Portugal* na sua presença um moço de 25 annos, que tem passado a maior parte d'elles nos archivos nacionaes, folheando, lendo, interpretando, as villas e poezias chronicas para fazer luz e restabelecer a verdade em muitos factos da nossa Historia. Tem um appellido illustre entre os mais illustres e gloriosos que honraram o Portugal d'este seculo, e conta-se nos seus ascendentes o nome de Frei Gonçalo Velho, o grande navegador, cuja monographia, toda baseada em documentos, muitos dos quaes são pela primeira vez desenterrados da Torre do Tombo onde jaziam ignorados, e desdobrados á luz de uma solida e rigorosa critica, apparece firmada pelo nome de Ayres de Sá. E visto que acabamos de escrever-o, fica feita por esta fórma a apresentação do autor do livro, em cuja pagina de honra se leem os nomes do marquez de Sá da Bandeira e de Antonio Cabral de Sá Nogueira, á memoria illustre dos quaes o sobrinho offerece o seu primeiro trabalho.

O que é o livro de Ayres de Sá Dillo-e-elle explicando a these que escolheu:

Este trabalho celebra o IV centenario do descobrimento do caminho maritimo da Europa á India, porque Fr. Gonçalo Velho abriu esse caminho, indo muito alem do Bojador, á Terra Alta, em 1416; celebra o IV centenario do descobrimento da America do Sul, porque Fr. Gonçalo Velho abriu o caminho das Indias Occidentaes, descobrindo os Açores em 1431-1432.

A gentil deferencia de Ayres de Sá devemos o prazer de publicar os extractos seguintes do seu livro antes que o de a publicar a Imprensa Nacional.

VI

Descobrir um caminho para a India pelo Occidente foi talvez a idea do duque de Vizeu quando enviou Fr. Gonçalo Velho n'essa direcção. Fr. Gonçalo Velho é sem a menor duvida o primeiro navegador que aprós a Oeste, deixando a costa, vogando entre mar e céu.

Não se pôde usar, n'este caso, da celebre theoria das tempestades que leva Zarco e Tristão ao Porto Santo, Ca da Mosto e Nola ás ilhas de Cabo Verde e Pedro Alvares Cabral ao Brazil, theoria muito vantajosa porque, sendo verosimil, dispensa o estudo e satisfaz a quasi todos; quasi sempre as tempestades conduzem a ilhas os navios, e só ha um caso de os levarem a continente: é o ultimo dos que acima estão apontados: são lendas maritimas é a tempestade necessaria, por exemplo, a de S. Brandão, a de Machim, etc.

A primeira expedicao para Oeste está ao abrigo das tempestades; foi, com certeza, premeditada, assente e executada com inteira segurança e com magnifico resultado. Os dois homens que abriram o caminho do occidente foram o infante e Fr. Gonçalo Velho que, notavel coincidência, eram irmãos espirituaes porque tinham voto na Ordem de Christo e estavam ligados pelo sangue.

Os descobrimentos para o Occidente foram graduaes: em 1431 Fr. Gonçalo Velho encontra os baixos das Formigas, em 1432 o mesmo navegador descobre as ilhas dos Açores, em 1492 Christovam Colombo vai ao continente da America central, em 1500 Pedro Alvares

de Gouvêa chega ao continente da America do Sul, no mesmo anno e até 1508 os Corte Reaes descobrem a terra a que deixaram o seu nome, no continente da America do Norte.

Os descobrimentos estão concluidos no principio do seculo XVI, as caravelas cedem o logar aos galeões, mais proprios para carga e para o combate, o Atlantico é sulcado em todos os sentidos pelos navios portuguezes que, já, afoutamente, o exploram.

No mar Indico e no mar Vermelho os rumes vêem, de dia para dia, diminuir o poder das suas armadas, grandes capitães conquistam, palmo a palmo, o territorio descoberto, tudo, enfim, annuncia que Portugal alcançou o termo das suas emprezas e começa a decadencia, rapida como o engrandecimento.

Dentro em pouco tudo se perde, a morte de D. Manuel é o signal da catastrophe de 1580, um dos phenomenos mais espantosos de que nos falla a Historia.

Da grande obra do seculo XV ainda nos resta muito porque nunca perdemos a autonomia moral; se um dia, como ha de succeder, desaparecer o povo que hoje é chamado portuguez, a Historia conservará este nome immorredouro, porque se não for tomado em alta conta, como deve ser, o muito que trabalhou para desvendar as lendas do sul do Atlantico, afim de descobrir o caminho maritimo da Europa á India, tornar-se-ha digno da admiração dos vindouros por ter descoberto um novo mundo.

## PEDRO ALVARES CABRAL

DOCUMENTO CLXV

pero alvarez de gouvea<sup>1</sup>. carta da capitania moôr e poderes que leuoa quando foy enuyado as Indias per capitam.

Dom Manuel etc fazemos saber a vos quapitães fidalguos caualeros escudeiros mestres e pylotos marinheiros e compaña e offiçães e todas outras pessoas que lya e jviamvina na frota e armada que vay pera a Jmdia que nos pela muyto confiança que Temos de *pedralvarez guonuea* fidalguo de nosa Casa e por conhecermos delle que nysto e em toda outra coussa que lhe emcaregamos nos saberá muyto bem seruir e nos dará de sy muyto boa conta e Recado lhe damos e emcaregamos a Capitania moôr de toda a dita frota e armada Porem vollo notificarmos asy e muyto mandamos a todos em geral e a cada huê em especial que em todo o que per elle vos foy requerido e da nosa parte mandado cumpraes e facas jntreiramente seus Recatamientos e mandados asy e tam jntreiramente e com aquella deligencia e bom cuydado que de vos confiámos e o faryes se per nos em pessoa vos fosse dito e mandado por que hasy o avemos por bem e noso seruiço e aqueles que asy o fezerdes e comprides nos faryes nyssyo muyto seruiço e os que o contrario que nam esperamos nos deserviram muyto e lhe daremos por ello aqueles castigos que por taes cassos merecem ¶ Outrosy por que as coussas de nosso seruiço sejam guardadas e fleitadas como deuem em semelhante frota e armada e por tall que sejim castigados aqueles que alguns mallefícios e delitos cometerem contra nosso seruiço e em quaes quer outros cassos que acõtecer possam per esta presente lhe damos todo nosso jnteiro poder e alçada da qual em todollos cassos ata morte naturally vsarara jntreiramente e se daram ha emucacum seus juizos e mandados sem della aver apelaçam nem agrauo/ Porem este poder e alçada se nam emtemderam nas pessoas dos capitães das naaos e nauyos que com elle vao e fidalguos e outros que na dita frota e armada emviámos quando alguns cassos crimes cometerem per que deusam ser castigados por que sobre estes ssoamente se faram os processos de seus cassos e nos seram trazidos pera os vermos e segundo as calidades delles seram ponydos e castigados como for justia e em testemunho de todo mandamos fazer esta carta per nos assinada e aseelada do nosso sello a qual em todo mandamos que se cumpra e guarde como nela se contem sem mjngumento alguo. Dada em nosa cidade de lizboa a xij dias de feueireiro antonio carneiro a fez anno de nosso Senhor Jhuu x.º de mil e quinhentos<sup>1</sup>.

Chancellaria de D. Manuel, liv. 13.º, f. 10

<sup>1</sup> O parentesco de Pedro Alvares Cabral ou de Gouvêa, descobridor do Brazil, com Fr. Gonçalo Velho, descobridor dos Açores, deduz-se pela seguinte maneira:

Alvarez Gil Cabral, alcaide-mór da Guarda.

Casou com D. ... de Figueiredo.

Vid. nota 1 de pag. 86.

Luz Alvares Cabral, alcaide-mór de Belmonte. Casou com D. Constança Annes.

D. Maria Alvares Cabral. Casou com Fernão Velho, alcaide-mór de Velleda.

Fernão Alvares Cabral, alcaide-mór de Belmonte, governador da casa do infante D. Henrique, duque de Vizeu. Casou com D. Theresia Freire de Andrade.

Fr. Gonçalo Velho, commendador do castello de Almourol, da Pênsa, da Beizela e da Cardiga. Descobridor dos Açores.

Fernão Cabral, alcaide-mór de Belmonte, regedor da justia da comarca e corregido da Beira e Ribeira de Cóa. Casou com D. Isabel de Gouvea.

Pedro Alvares Cabral ou de Gouvêa, descobridor do Brazil.

<sup>1</sup> Julgamos esta carta inédita e parece-nos poder explicar uma tal lacuna pela differença de nomes. Pedro Alvares Cabral era filho, como se sabe, de Fernão Cabral, fidalguo da Beira, e de D. Isabel de Gouvêa, filha de João de Gouvêa, senhor de Almenara e Vellezella e alcaide moôr de Castello Rodrigo; adoptou o nome de mãe, visto que era filho segundo e não estava obrigado a usar o nome paterno. Mais tarde mudou de appellido e passou a assignar-se Cabral. Foi, como se sabe, n'esta viagem que Pedro Alvares descobriu o Brazil.

## THEATROS



Francisque Sarcey

**P**ENDEU a França um dos seus homens de letras de mais vantajosa e maior notoriedade, esse velho e meticuloso crítico de arte, tão discutido como respeitado, cujo dogmatismo intransigente e cujas velhas formulas estheticas innegavelmente constituam para o convencionalismo theatral um Evangelho infalível.

Nos dominios da critica ha a distinguir duas sortes de individualidades: aquellas que vêm para além do seu tempo, e cujo espirito synthetico, avançando-se ao sentir geral, traça em luminosas antevissões todo um programma para o futuro; e aquellas que se limitam a reflectir, pela orientação e rumo do seu criterio, as tendencias da intellectualidade dominantes no seu tempo. As manifestações d'estes são, por assim dizer, estaticas, têm a passividade pacata e ordeira de simples echos systematisados da opinião; a acção d'aquelles é, pelo contrario, toda dynamic, assume uma direcção determinada, e é ella que, a relampagos do seu genio innovador e fecundo, impulsiona e esclarece da Humanidade a rota progressiva.

Francisque Sarcey pertencia ao segundo grupo. De faculdades artisticas limitadas, possuidor de um cerebello ordenado e tranquillo, em que o saber pesava sobre a imaginação e a erudição esmagava a phantasia, para elle as regras technicas, materias sobrelevavam a tudo o mais na obra do theatro. Pouco lhe importava a emoção, comtanto que a mechanica scenica fosse respeitada. Via nas peças de preferencia o arcaico. Drama ou comedia que não tivesse bem preparados os indispensaveis fines de acto, e em que os personagens principaes não apparecessem senão depois das obrigadas scenas dos creados espalhando os moveis e bisbilhotando a vida dos patrões, era inappellavelmente condemnada.

Por isso o typico *oncle Sarcey* applaudiu quasi sempre, sem restricções, as peças de Sardou. Entretinham-n'o, divertiam-n'o, — o que era a primordial condição que elle cada noite exigia, ao sentar-se no seu *fauteuil* de espectador, de toda a obra de theatro. Assim como elle, como escriptor, não tinha estylo, tambem pouco lhe importava que a peça representada fosse, ou não, falha de caracter. Se as situações se succediam logicas, se decorria bem symmetrico e variado o corte mathematico das scenas, já esse temido *pater conscriptus* perdoava, n'uma indulgencia toda manga-de-alpaca, que o assumpto fosse banal.

Entretanto, em compensação, Sarcey dispunha d'um profundissimo bom-senso, golpes de vista certos, e tinha um tão largo conhecimento de todos os assumptos ligando com o theatro, que, mercê d'essas bases, os seus argumentos sabiam amassados com grande solidez e a autoridade das suas criticas impunha-se ao maior numero. Foi assim que elle espalhou por todos os paizes cultos, e especialmente por aquellos que mais amam o theatro, a fama da sua opinião em materia de arte, e a dogmatica segurança da sua orientação no terreno da critica.

A sua morte certo representa uma enorme perda para a França, porque Sarcey, com a fama universal do seu nome, e a methodica e inquebrantavel tenacidade do seu trabalho, foi dos homens que, na

segunda metade d'este admiravel seculo que finda, a mais longes terras levou a influencia do espirito gaulaz. Innegavelmente, as melhores produções de Augier, Sardou e Dumas, o mesmo conhecimento mais justo das grandes obras dos classicos theatraes francezes, devem-se á remontada auctoridade e á enorme diffusão do verbo severo e castiço de Sarcey, disseminado por dezenas de jornaes, e especialmente aos celebres folhetins semanais do *Temps*.

Este honrado e bom Sarcey orçava pelos oitenta annos. Assim, para lhe fixar o caracter dos ideaes e o *facies* da sua orientação esthetica, basta isto, — filiar-lhe a origem. Havia de forçosamente revestir uma feição archaica, ser hoje já no seu tempo um caturna e um *démode*, o espirito que, desprovido, para mais, d'um largo voo emancipador, se enformára e crescêra na academica tutella d'uma litteratura de rabicho. Para elle o theatro, como, de resto, todas as manifestações da arte, não deviam passar de innocentes quebra-cabeças, lindos jogos floares para diversão do espirito, mas sem de modo nenhum nos retratarem a alma ou alterarem o pulso ao coração. D'este modo, a comprehensão irrequieta e vibrante do theatro moderno, estas allucinadas peças entretecidas com lascas de nervos, e em que, n'uma paroxysmica explusão de vida, auctores e actores deixam estilhaços da propria alma, não agradavam a Sarcey. As peças de Ibsen, como as creações da Duse, tiveram n'elle systematicamente um detractor. Estavam fóra do seu alcance de visão mental; havia de rebatê-las, porque as não podia comprehender.

Todavia, repetimos, a despeito do seu acanhado ideal, com todas as suas pequices e defeitos, Sarcey tem de ser contado entre as mais illustres e prestimosas figuras litterarias do seu tempo. A sua opinião geralmente impunha-se, porque era fundamentada, e porque era honesta. Os seus juizos, depois de assentes na base de profundos conhecimentos, erguam-se direitos da mais altiva e nobre independencia. Por isso hão-de ficar, fortes d'esta inabalavel solidez que ampara todo o trabalho sinceramente feito; solidez que a propria maneira, inteiriça e *carrière*, de escrever de Sarcey, pujantemente accusava. E para os seculos futuros, toda a sua immensa obra terá, ainda que mais não seja, um interessantissimo valor documental, pois ella representará, completa, flagrante, a capacidade esthetica, o modo de sentir burguez da sociedade sua contemporanea.

Sucedeu a Sarcey, na redacção dos afamados folhetins semanais do *Temps*, o sr. Gustavo Larroumet, que é secretario perpetuo da Academia de Bellas Artes de Paris, e hoje um dos criticos mais auctorizados da França.

A. B.



A actriz Lopiccolo

## BRASIL-PORTUGAL

Impressão na Typ. da Comp. Nacional Editora  
Largo do Conde Barão, 50

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Editor — LUZ ANTONIO SANCHES  
Redac. e administ. — R. IVENS, 53 — LISBOA

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	45\$000	Anno.....	7\$000	Anno.....	8\$000
Numero avulso { moeda brasileira}.....	25\$00	6 mezes.....	4\$000	6 mezes.....	4\$500
		3 mezes.....	2\$000	Numero avulso.....	5\$00
		Numero avulso.....	1\$000		

## SUMMARIO

Chronica Electrica — BRASIL-PORTUGAL.  
Emilio Castellar.  
Barcarola (meditões) — VALENTIM MAGALHÃES (illustrações de J. Vas.)  
O banquete a Ferreira do Amaral.  
Episodios maritimos — AUGUSTO DE CASTILHO.  
O «Admirante» no Brasil (os brinde).  
Chronica d'outros tempos — As toiradas — PRIMO DE CARVALHO (Thomp.).  
A proclamação do Corpo de Deus.  
Frei Gonçalo Velho — AYES DE SÁ.  
Theatros: Francique Sarcey — ANEL BOTELHO.

## Paguinas supplementares

Os que chegam.  
Lorjõ Tavares.  
Mensagem do Dr. Campos Salles.  
Dola artistas.  
A mensagem do governador do estado do Pará.  
Estados do Brasil.  
A Companhia Sosa Bastos.  
De nossos correspondentes.  
Horas de ocio.  
Sciencia fiscal.

## 51 ILLUSTRAÇÕES

## Os que chegam

Dos portos do Brasil chegaram entre outros os seguintes passageiros, pelos paquetes a seguir designados.

## Pelo «Malange»

**Francisco José d'Azevedo Cardoso**, que se dirigiu para a sua patria, Tondella. E' um dos mais considerados commerciantes do Rio de Janeiro.

**Oscar Sampaio**, commerciante ha 19 annos no Rio, onde faz parte da associação dos empregados do commercio, dirige-se para Villa Nova de Famalicão, terra em que nasceu.

**Commandador Manuel Alves Correira d'Azevedo**, socio da Beneficencia Portuguesa do Rio de Janeiro e de outras associações, reside ha 40 annos no Rio, onde é negociante, e vem ao seu paiz em viagem de recreio.

**José Moreira Lobo**, veiu do Rio onde é commerciante ha 5 annos, sendo tambem gerente da Empresa de Navegação Cabotagem Nacional.

**Antonio José Dias**, ausente ha 28 annos no Rio, onde é negociante, veiu visitar a sua patria, Braga. E' socio da Beneficencia e de outras instituições portuguezas.

**José Antonio Cardoso**, dirige-se para Traz os Montes e vem do Rio, onde ha 44 annos reside.

## Pelo «Cordillère»

**Visconde da Veiga Cabral**, um dos mais conceituados chetes da colonia portugueza no Rio de Janeiro. São subscritas pelo seu nome todas as grandes iniciativas de que resultam credito e honra para o seu paiz. Pertence a todas ou quasi todas as associações portuguezas no Rio, e são relevantissimos os seus servicos na Beneficencia.

Depois de uma longa ausencia o visconde de

Veiga Cabral vem visitar a patria que deve acolhe-lo como um dos seus filhos mais benemeritos.

**Visconde de Thyde**, proprietario e capitalista no Rio é o illustre presidente da secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Rio. Vem acompanhado de sua esposa.

**João Rodrigues Pisco**, ausente ha 35 annos em Pernambuco, onde é negociante, vem visitar a sua bella provincia do Minho em cuja capital nasceu.

**Antonio da Costa Lobo**, ausente ha 40 annos no Rio, onde gosa de grandes creditos como negociante, tem sido um dos mais prestimosos socios da Beneficencia Portuguesa. Veiu visitar a sua patria, o Porto.

**José Baptista Ferreira**, negociante e capitalista no Rio, é considerado como um dos socios mais illustres da Beneficencia Portuguesa, do Gabinete de Lettura e de outras instituições; partiu tambem para o Porto.

**Manuel Antonio Vieira Serzedello**, vem para Povos de Lanhoso, onde nasceu, negociante no Rio, faz parte da Beneficencia e da Caixa de Socorros D. Pedro V.

## Pelo «Clyde»

**Dr. Rottencourt Rodrigues**, sete annos ausente de Portugal, volta de S. Paulo ao seu paiz o illustre medico e nosso velho amigo, que deixou no Brasil um grande nome, e subidos creditos de homem de sciencia. Bafejou-o a fortuna, tendo auferido da sua clinica rendosos proventos. As nossas sinceras boas vindas.

**José Dias Marques**, ha 22 annos reside no Rio como negociante, é socio de varias associações; dirige-se para Oliveira de Azeiteis.

**Francisco Alves Soares Bastos**, negociante, capitalista e proprietario no Rio, onde faz parte da Beneficencia e de sociedades scientificas, veiu visitar a sua terra, Celorico de Basto.

**José Pires**, filho do Brasil vem visitar a Europa. Pertence a numerosas associações e outras instituições.

**Carlos de Oliveira Barbosa**, estudante no Rio, vem viajar na Europa, dirigiu-se para o Porto.

**José Lopes do Valle**, negociante ha 16 annos no Rio, vem para Valença do Minho, pertence á Beneficencia Portuguesa, onde tem prestado valiosos servicos.

## Pelo «Augustin»

Chegou neste paquete vindo de Manãos o sr. **José Alexandre Soares**, um dos homens que no Alto Amazonas mais servicos tem prestado ao nome portuguez. Negociante considerado e bemquisto, presidente da Sociedade Portuguesa Beneficente d'aquelle Estado, José Alexandre Soares, é em Manãos uma individualidade prominentemente.

O *Brasil-Portugal* saída, na sua visita á patria, este distincto portuguez.

## Lorjõ Tavares

Foi verdadeiramente triumphal a recepção que a capital do Amazonas fez ao nosso prestado collega Lorjõ Tavares. O acolhimento que o

director da Revista teve de brasileiros e portuguezes em Manãos foi tão grande e affectuoso como o que teve no Pará. A publicação foi recebida no norte do Brasil com um successo enorme, colossal, sem precedentes. Em ambas aquellas cidades, os governadores dos dois Estados e os membros mais influentes das colonias portuguezas puzeram-se em campo para que a propaganda feita por Lorjõ Tavares fosse em tudo coronada dos maiores resultados. E esses, pelas ultimas noticias, excedem toda a espectativa.

Lorjõ Tavares segue do Pará para o Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e S. Paulo, etc.

E' tal a quantidade de annuncios que das grandes casas bancarias e commerciaes do norte do Brasil acabamos de receber, que nos vemos obrigados, para lhe dar cabimento, a acrescentar, nos numeros immediatos, outras quatro paginas supplementares ás quatro a mais que já apparecem no presente numero.

## MENSAGEM DO DR. CAMPOS SALLES

No dia 3 de maio realisou-se a abertura do Congresso Brasileiro na terceira sessão da actual legislatura.

A mensagem causou magnifica impressão. Confirma as ideas já expandidas nos seus manifestos anteriores; deseja que os poderes publicos applicuem a sua solicitude ao estudo dos graves problemas da administração; refere-se jubilosa á estada dos navios estrangeiros no Rio a 15 de novembro; pede nova lei eleitoral para garantir a liberdade de voto; alude á assistência dos alienados; pede a reorganisação da justiça federal; dá conta da designação do dr. Clovis Bevilacqua para elaborar o Codigo Civil; trata das desordens havidas em Mattogrosso, onde a crise terá solução pacifica; propõe para o exercito o effectivo de 15.000 homens, desejando que a redução seja compensada por uma melhor instrução militar; solicita a organização do Codigo Penal Militar; proclama a incompetencia do Estado para gerir estradas de ferro, as quaes devem ser entregues a particulares; salienta que as estradas arrendadas, ao envez dos antigos «deficite», apresentam saldos; e espera que o mesmo acontecerá com a Estrada de Ferro Central do Brazil, para cujo arrendamento solicitará opportunamente auctorisação.

Referindo-se ás finanças faz notar a existencia da grande somma de papel moeda o que contribue para a sua desvalorisação, acrescentando que a sua retirada da circulação constituirá o ponto capital da politica financeira, mas que, para secundar este objectivo, é necessario crear fundos de garantia.

Diz mais que urge eliminar a auctorisação para emissões, contida na lei de 1875, e propõe publicar mensalmente o estado das emissões, condemnando a criação dos monopolos protectores.

Faz notar a existencia de grandes emissões de papel, apesar da enorme quantidade que se tem queimado; menciona a receita e a despesa do ultimo exercicio, cujo «deficite, espera reduzir com as economias que tem realisado;

espera que haja saldo no orçamento do presente exercício; diz que tem de resgatar 40.000 contos até o fim do anno, e bem assim bilhetes do thesouro, sendo 32.000 do Banco da Republica; que pagará o resto do empréstimo de 1897; e que ao em 1900 poderá o Brasil gozar as vantagens do accordo firmado em Londres em 11 de junho ultimo; e, enfim, aconselha a supressão de certos serviços que julga inúteis, e diz ser preciso impedir que a receita federal seja desfalcada de certas verbas, como a do selo, as quaes são absorvidas pelos Estados.

Resumindo: a mensagem é mais um nitido e seriosissimo programma de administração do que um documento politico. Por ella se confirma o decidido empenho que o presidente tem em collocar as finanças brasileiras n'uma situação prospera e desafogada trazendo assim á Republica novas fontes de riqueza e de produção. Conhecida nos demais Estados, a mensagem presidencial foi sem discrepancia acatada e reconhecida como uma sábia prova do tacto administrativo do primeiro magistrado da Republica.

## Dois artistas

Pela primeira vez apparece na Revista o nome de Valente Magalhães, o eminente prosador e poeta do Brazil, que honra o nosso numero de hoje com uns deliciosos versos expressamente escriptos para o *Brasil-Portugal*. Colaboração tão primorosa, não podia deixar de ter por illustrador um artista consagrado como J. Vaz, o adoravel pintor de marinhas. Enlaçando na mesma pagina estes dois nomes illustres, julgamos comprehender a missão d'esta Revista.

## A mensagem do governador do estado do Pará

O congresso estadual foi aberto em 7 de abril, sendo-lhe por essa occasião, dirigida uma mensagem do preclaro governador do estado, sr. dr. José Paes de Carvalho.

A mensagem, que é uma primorosa e lucida exposição de sua doutrina politica, mostra de uma forma a um tempo brilhante e clara, a situação economica d'aquelle bello rincão da patria brasileira.

Delinea, sem tergiversações nem ambages, um vasto programma administrativo, destinado a impulsionar a exploração constante e methodica d'aquella esplendida região amazônica.

O sr. dr. Paes de Carvalho, que é, indubitavelmente, um governador moderno, formula varios alvites tendentes a esse fim, os quaes passamos a summariar, lamentando que o restricto espaço de que podemos dispor nos inhiba de ser mais explicitos. O illustre governador entende que o estado do Pará deve offerecer recursos (methodicamente pagáveis em dois ou mais exercicios) ao governo federal para a construção de um navio de guerra; e propõe que as linhas de correio e telegraphos, que da cidade do Pará irradiam para o interior, passem para a posse do estado, pretendendo, portanto, a este, os respectivos onus e vantagens.

Reconhece a necessidade de se crear uma escola polytechnica, em proveito do norte do paiz, assim como de sees a urgencia de organizar uma camara de commercio em Paris que, ao mesmo passo, fosse centro de informações seguras para commerciantes e industriaes, e lugar de exposição permanente dos productos extractivos, agricolas e manufactureros da feracissima região paraense.

Abordando um ponto que tanto interessa á finança brasileira — a taxa do ouro, emitta opiniões muito aproveitáveis, e dá a grata nova que a divisa paranaense consagrada do estado se acha reduzida a 2.648 contos de réis, papel moeda, e que no proximo exercicio, so-

frerá uma redução superior a 800 contos de réis.

Esta conceituosa exposição termina appellando para o patriotismo da nação brasileira a fim de commemorar condignamente o centenário da descoberta do Brazil, o grande facto historico.

O sr. Paes de Carvalho revela, mais uma vez, os magníficos dotes do seu intellecto. A mensagem pôe de manifesto o espirito de um profundo pensador e o pulso de um verdadeiro estadista, de um homem que não versa as sciencias sociologicas por simples passatempo, por dandysmo enervante de curioso, mas que penetra e resolve os mais intrincados problemas da sciencia politica moderna.

Accentuaremos agora umas ligeiras notas acerca de assumptos financeiros do estado do Pará.

A receita que, no exercicio de 1896-1897, foi de 15.101.000.000 réis, subiu no de 1897-1898 a 20.021.000.000 réis, quantia superior em mais de 4.700.000.000 réis ás precises orçameintas. D'estarte o excesso de rendimento deu margem a um saldo importantissimo, que, não se pagou, serviu para o empréstimo de réis 1.500.000.000 contrahido com algumas casas bancarias e diversos particulares, mais ainda transferir para a caixa de depositos a quantia de 1.000.000.000 réis, applicavel aos estudos de saneamento da capital.

No corrente exercicio, a renda camara sensível augmento, pois que, até fins de dezembro, tem um excesso de 1.105.000.000 réis sobre a de equal periodo do anno antecedente.

E, conforme o segundo Relatório do Thezouro, está calculada em 6.114.000.000 réis, em oiro a arrecadação provavel do exercicio, ou perto de mil contos de réis (oiro) mais do que o orçamento. Ainda mesmo suppondo que a taxa do cambio se eleve, é de esperar que a receita em papel será superior á do exercicio andante.

A proposta do orçamento de receita e despesa para o exercicio de 1899-1900, apresentada ao congresso é um trabalho que muito abona as altissimas faculdades do sr. dr. Paes de Carvalho. A situação financeira do estado paraense acha-se lucidamente exposta.

A receita é orçada em 6.531.000.000 réis em oiro, reduzida com o producto de diversas arrecadações, sendo a principal a proveniente da exportação representada pela importante verba de 5.000.000.000 réis.

A situação financeira do Pará apresenta se muito prospera, sendo quasi certo que assim continue, attendendo a que o estado paraense tem hoje á sua frente um cavalleiro de tão alta capacidade administrativa e de tão pujantes talentos como é o sr. dr. José Paes de Carvalho.

## Estados do Brasil

### Rio de Janeiro

A imprensa da capital federal tem elogiado muito a nova peça *O Relicario*, devida á penna experimentada do conceituado escriptor, sr. Coelho Netto.

O sr. Prudente de Moraes, ex presidente da republica, accetion o convite para tomar parte no congresso juridico, que, no proximo futuro anno, se realizará, commemorando o descobrimento do Brasil.

\* Chegou ao Rio o sr. Akera, correspondente do *Times*. Observou, de perto, as operações militares durante a campanha de Cuba, e fez uma larga viagem pela America do Sul. O sr. José Carlos Rodrigues, brilhante director do *Jornal do Commercio*, offereceu-lhe um jantar.

\* Esperava-se a chegada da companhia equestre de Frank Brow, que, entre outras novidades, traz a pantomima *A Feira de Sevilha*, bastas vezes representada por outras *troupes* no Colyseu dos Recreios, em Lisboa.

\* Falleceu, victima de febre amarella, a actriz Grasiella Pratas, a *Sinhocinha*. Chegara, havia pouco mais de um mes, de Lisboa, onde representara nos theatros da Rua dos Condes e do Principe Real. Brillou menos na scena do que no *Les de l'Amour et du hazard*.

\* No numero dos presentes recebidos pelo

sr. Campos Salles, por occasião da viagem a Minas, figura um chapa de oiro com dedicatória, tendo ao centro uma pintura representando o Itacolomy, e um brilhante, e em cada vertice um topazio cor de vinho.

\* Finou-se o escriptor Pigueiredo Coimbra, secretario da *Nôsea*, jornal em que elle expandia a sua graça sempre despertada a sua jovialidade sempre prompta. Era um comediographo aprecivel.

\* Entrou no octogessimo anno de existencia o *Jornal do Commercio*, actualmente dirigido pelo notabilissimo jornalista dr. José Carlos Rodrigues. Esta acreditada folha foi fundada em 1 de Abril de 1820, por David Flanher.

\* O sr. Joaquim Nabuco partiu para a Europa.

### S. Paulo

A companhia do theatro fluminense *Apollo* está representando, com agrado, no theatro Polytheama. Ultimamente levou á scena a magica *A Barbola de Ouro*, original de Moreira Sampaio e Orlando Teixeira.

\* Um distincto pintor de S. Paulo está pintando um retrato do illustre presidente da Republica, a fim de ser collocado no salão de honra da municipalidade.

\* Reuniu em Campinas o congresso da laavoura, em que se tratou dos interesses da cultura paulista. Encerrado o congresso, os congressistas juntaram-se no hotel de França, onde se serviu uma taça de Champagne, trocando-se brindes, os mais amistosos que é possível.

\* Morreu o antigo medico-legista, dr. Ignacio José de Campos Mesquita.

\* O estado de S. Paulo acaba de se ver livre de uma malta de saltadores, que, durante muito tempo, o infestou. A quadilha Mangano, em grande parte composta de italianos, foi julgada no tribunal de S. Carlos, em S. Carlos do Pinhal. Estes sclerados tinham o seu refugio na encosta de um monte situado na Villa Isabel, logar quasi inexpugnável.

\* O sr. dr. Alfredo Pujol fez uma bella conferencia no Alfredo Commercial. A these escripta foi um estudo do lrisismo e sua influencia no Brazil, alludindo tambem ao poeta campeiro Quirino dos Santos.

\* No Polytheama subiu á scena uma peça em 3 actos, intitulada *Ha caça... e caça*, traducção de Accácio Antunes, escriptor lisboense que, ha já alguns annos, se encontra no Brasil.

### Paraná

No theatro Hauer representa, com exito, uma companhia hespanhola de zarzuela.

\* O sr. dr. Sebastião Paraná escreveu uma obra muito notavel, intitulada *Chorographia do Paraná*.

Nestor de Castro acaba de publicar um livro de contos, *Brindes*, a que a imprensa local teve grandes elosios.

\* Consta que parte para Roma o bispo d'esta diocese. Tenciono tomar parte na reunião de bispos sul-americanos, que em Maio, se fará na capital do mundo catholico.

### Pernambuco

Segue de Pernambuco para o Rio, e d'aqui para a Europa, o sr. Corrêa de Araujo, governador do estado d'aquelle nome. Durante a sua ausencia, assumia a governação o presidente do Senado.

### Pará

Entrou no 24.º anno da sua existencia o diario *Provincia do Pará*, que se publica em Belem, e um dos mais importantes orgãos da imprensa do norte do paiz.

\* O conselho municipal d'esta ultima cidade resolveu contractar com Domenico de Angelis a leitura da estatua de Caetano Brandão, bispo de Belem.

\* Foi o sr. Pedro Gracie Filho, quem contractou com a intendencia de Belem o fornecimento de gado do Rio da Prata, destinado á matança.



Francisco d'Oliveira  
sucessor  
Antigamente: Mireira Bastos & Penseza

**Sapataria Luso-Brazileira**

Calçado de luxo para exportação  
Fabrico exclusivamente "Manual."  
93. RUA DO OURO — LISBOA

## ESTABELECIMENTO



LISBOA  
Ferragens, Quinilharías  
BIJOUTERIAS  
Perfumarías finas  
Bordas e bordados  
Artigos de retrozeiro  
BONITO SORTIMENTO  
de  
**Objectos para brindes**  
**Preço fixo**  
Vendas por atacado e a retalho

### Empresa Nacional de Navegação

Cerreira quinzenal para a Costa d'África Occidental

Sabidas a 6 e 21 de cada mez, tocando nas seguintes portos:  
Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Príncipe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguela, M. Ambriz, Porto Alexandre e linha dos Tigres.  
N. B. — Os paquetes que sahem a 6 não fazem escala por Santo Antonio do Zaire, Ambrizette, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre, e os do dia 21 por Madeira, S. Vicente e Príncipe.

Rua da Prata, 8, 1.º

## Vereinigte Chininfabriken ZIMMER & C., Francfort S. M.

**Equinina.** — Acção therapeutica equal á do quino nas febres, influenza, malaría, febre typhoide, coqueluche, neuralgias, etc., e como tónico a Equinina não tem o gosto amargo nem fadiga o estomago e apresenta uma acção muito menos accentuada no systema nervoso que a quina.

Indicações:  
von Noorden: Centralblatt für innere Medicin 1896, No. 48. Overlach: Deutsche Medicinalzeitung 1897, No. 15. Pappegras: Gazzetta degli Ospedali e delle Cliniche 1897, No. 118. Conti: Gazzetta degli Ospedali e delle Cliniche 1897, No. 136. Frídrich: Orvosi Hetilap 1898, No. 1. Dr. F. Plehn: Archiv für Schiff- und Tropen-Hygiene 1897, p. 408. Dr. F. Suchomlin: Wochensches Journal für praktische Medicin, 1898, No. 16. Dr. A. Fausser: Orvosi Hetilap 1898, No. 18. Dr. K. M. Solonzeff: Botkinische Hospital-Zeitung 1898, 5. März. Dr. Alexeff, Dr. Kysell, Professor Dr. Filatov: Journal de Clinique et de Therapeutiques infantiles 1898, No. 21. Dr. A. Mori: Settimanale medica dello Sperimentale 1898, No. 26. Dr. G. Ronchini: Il Pratico 1898, No. 18. Dr. K. Gontew: Wratsch 1898, No. 26. Dr. S. Sapigni: Il Raccoglitore Medico di Forlì 1898, August. Dr. Xaver Lewkowiec: Wiener Klinische Wochenschrift 1898, No. 41. Dr. Franz Niedermayr: Wiener Medicinische Blätter 1898, No. 46.

**Euantrol.** — Purgativo precioso contra os calculos biliares e outras doenças do fígado. Pode ser tomado durante mezes consecutivos sob a forma de *Pilulas d'Euantrol*, sem provocar effeitos secundarios.

Indicações:  
Blum: Der ärztliche Praktiker 1897, No. 5.  
**Valisul.** — Apresenta effeitos curativos notaveis na histeria, na neurasthenia, nas affecções do estomago; n'este ultimo genero de doenças é applicado sobretudo á anorexia e á nau-sea (inclusiv. o corpo a bordo). Amostras, indicações, todos os outros detalhes ficam á disposição do publico.

Indicações:  
Dr. Schveransky: Therapeutische Monatshefte, Nov. 1897. G. Seognamiglio: Giornale Internazionale di Medicina Pratica 1898, No. 4-5.

**Perlas de quino Zimmer.** — Contendo sulfato de quino ou outros sais de quino em estado puro, sem nenhum intermedio. Estas perlas dissolvem-se immediatamente no esto-mago e garantem assim effeito prompto e seguro.

Indicações:  
von Noorden: Die Praxis 1896, No. 2.  
Seognamiglio: Archivio Internazionale di Medicina e Chirurgia Fasc. XII. Dezemb. 1896.

### OUTRAS ESPECIALIDADES

Quina, Cascaina, Caffaina, Extractos, Preparações de leite, Chocolate do Quino Zimmer  
Agente em Portugal  
**GERMANO A. FERREIRA** — Rua dos Fanqueiros, 174, 1.º — LISBOA

Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Gerez, e construido de proposito para o fim a que se dedica, possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excel-lente parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras, cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma distracção como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia pôde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GEREZ

**Maria N. M. Salgado**

EM LISBOA

**Caza dos Oito Globos**

RUA AUGUSTA, 286

## RESTAURANT AMERICANO

P. C. DE VASCONCELLOS

**T. de S. Matheus, 24-PARA**

Serviço de primeira ordem. Accommodações luxuosas para viajantes. Acoço extremo. Iluminação electrica.

TODOS OS CONFORTOS



**Duarte de Carvalho** MODAS E CONFECCOES  
53, Rua Garrett, 55  
LISBOA  
Grande variedade de tecidos para vestidos, chapos, casacos, capas, sedas, tulidos, fitas, flores e todos os mais artigos de modas por preços resumidos.  
**53, Rua Garrett, 55 — LISBOA**